

CONTRIBUIÇÃO PARA UMA DEFINIÇÃO DO COMUNICADOR SOCIAL

(Trabalho apresentado a 25/8/79 pela Comissão Criada pelo Departamento do Ciclo Básico do Curso de Comunicação Social da PUCC com a finalidade de elaborar parecer sobre o papel do comunicador social na sociedade contemporânea. A Comissão compunha-se dos seguintes professores do Curso:

Júlio César Tadeu Barbosa
Tarcísio Moura
Vicente Comte
Zelinda Favero Gervásio.)

PREÂMBULO

A comunicação, antes de ser um campo definido de estudo(1), é um domínio onde se estabelecem relações entre pessoas humanas. É, pois, no domínio da ação entre seres humanos que se determina, em seus reais contornos, a figura do comunicador social. A ação humana que nele e através dele se processa constitui o ponto de partida para sua descrição, assim como define sua tarefa.

Considerando que o contexto da realidade social é o campo mesmo das relações humanas efetivas, a ele nos devemos reportar para poder definir adequadamente o comunicador. Faz-se mister, portanto, tomá-lo como homem inserido numa sociedade humana determinada, para cuja realização empreende um tipo de trabalho que se propõe aqui descrever. "Ninguém será um bom comunicador social se não for, antes de tudo, um ser humano voltado para os problemas de sua sociedade e de sua época."(2) Sua formação resulta de um processo de abertura à sociedade e seus problemas, do interesse desenvolvido pela cultura de nossa época, pela arte e pelas ciências.(3)

O COMUNICADOR SOCIAL E SEU CONTEXTO

A concepção do que possa ser o comunicador social deve-se inspirar num verdadeiro realismo. Ela só se pode delinear se o contextualizamos na realidade histórica de que participa e onde toma sentido sua função. O comunicador deve viver e entender as mudanças e os conflitos de sua realidade social. O fenômeno da comunicação dá-se em um mundo hoje sujeito a constantes mudanças e evoluções tecnológicas e sociais. Trata-se, pois, de uma sociedade burocrática de consumo dirigido, cujas características dentre outras são:

- a) ausência de uma real interação social;
- b) os processos de internalização de comportamento são dados pelos **mass media** e não mais pelo grupo;
- c) restrição da linguagem e ausência de um discurso significativo.

Quanto à realidade latino-americana e brasileira, mas especificamente, o quadro pode ser assim descrito: "É preciso entender o processo histórico que atravessa a América Latina, que sai de uma sociedade do tipo tradicional para um tipo de sociedade industrial, apesar de estar ainda muito longe deste modelo. É preciso entender as tensões sociais da América do Sul, apoiadas em diversos agrupamentos causais, como: o fim das comunidades locais; o desaparecimento da economia isolada; a transformação das tradicionais formas de trabalho em trabalho de massa; o desaparecimento do comportamento social tradicional, tanto nas relações de trabalho quanto nas relações comunitárias; o crescimento dos meios de transporte e a facilidade de contato nas zonas rurais com o centro; a penetração dos meios de comunicação de

massa; o conhecimento maior da realidade do mundo; o desequilíbrio populacional causado pelo crescente índice de natalidade; a subnutrição e o desemprego, a corrida do campo para a cidade.” (4) Uma visão estrutural da sociedade brasileira com suas fases históricas, suas transformações e seu estágio atual pode completar este quadro.

É preciso, portanto, “ver a nossa realidade”. (5) O processo de comunicação depende da estrutura social onde opera e para a qual o comunicador deve-se voltar com consciência crítica, formada com a colaboração das áreas do saber humano que mais contribuem para um real conhecimento.

DUAS QUESTÕES BÁSICAS

Dois problemas sobretudo envolvem o comunicador social na sua relação com as pessoas e os grupos de sua realidade social e no seu modo específico de agir: o relacionamento entre humanismo e técnica e a questão interdisciplinar. O esclarecimento destes problemas nos encaminha para uma definição mais clara do comunicador.

a) Relação entre humanismo e técnica

Partir do homem situado historicamente (no âmbito social, político, cultural etc.) não significa privilegiar o humanístico em detrimento do técnico. Defender uma contratecnologia radical representa uma forma de marginalização. A tecnologia tornou-se hoje um centro de tomada de decisões e os técnicos assumem o poder. É falso o humanismo que combate indiscriminadamente o pensamento técnico. Se recusamos a tecnicidade, colocamos-nos à margem do processo social.

O que se propõe é que o humano de onde se parte (isto é, as relações humanas concretas), integre dialeticamente o humanístico e o técnico. Na preparação do comunicador há de se “parar com a alimentação do conflito humanidade/tecnicidade, levantar o fogo cerrado contra esta e pensar nas possibilidades criadoras passíveis de ser obtidas de um jogo dialético entre esses dois componentes do ensino.” (6)

A prática laboratorial, por exemplo, torna-se imprescindível na formação do comunicador como mais adequada forma de fazê-lo participar vivamente, e não só na teoria, do processo em que se efetua sua ação. O laboratório traz a teoria para o nível do concreto e do imediato. Faz-se necessário, por isto, “a instalação de equipamentos profissionais ou o seu funcionamento regular, permitindo um aprendizado em situações mais ou menos reais, e não de ‘ouvir dizer’ ou ‘ver como outros fazem.’” (7)

Entretanto, o técnico não pode tolher a criticidade do setor humanístico, a não ser com o risco de privar o comunicador de um elemento essencial. Há de haver o reconhecimento por parte do setor técnico do caráter não neutro de sua própria prática científica. A ação do comunicador tem um significado social (portanto, não neutro) e deve corresponder aos anseios mais autênticos de sua sociedade e não meramente aos padrões vigentes nas empresas. Supõe-se, de sua parte, um mínimo de parâmetro ético para não se vender à classe empresarial. A visão humanística fornece-lhe as condições para poder avaliar as reais necessidades da sociedade em questão e participar de sua transformação. Ao invés de ser neutra, sua atividade passa a ter efeito nas diversas dimensões da vida social: cultural, política, econômica etc.

b) A interdisciplinaridade

Se a comunicação não é um campo definido de estudo, mas exige o concurso de várias áreas do saber (sociologia, política, psicologia, filosofia, antropologia) que colaboram para a visão mais adequada da realidade, vem à tona o problema de como estas áreas se relacionam na ação do comunicador. No entanto, a interdisciplinari-

dade não deve ser vista como simples problema acadêmico de relacionamento de disciplinas. Importa, antes de tudo, o ato concreto do comunicador, isto é, lá onde a interdisciplinaridade produzirá seus frutos.

Há ângulos diferentes de se visualizar o problema, nem todos eles válidos:

1º) Interdisciplinaridade como generalidade

Neste sentido, ela nada significa para o comunicador. De nada adianta, sob o ponto de vista da ação, aprender generalidades nos bancos das escolas.

2º) Interdisciplinaridade como totalidade

Embora esta perspectiva seja mais sólida, ainda é insuficiente. A comunicação constitui, de fato, um processo global, assim como o homem é um ser total. A isso deve corresponder, inegavelmente, uma compreensão orgânica do conhecimento, através de uma visão globalizadora. Entretanto nem sempre a totalidade significa uma verdadeira articulação integradora.

3º) Interdisciplinaridade como integração

Esta perspectiva é altamente significativa para o comunicador. Como integração, a interdisciplinaridade desenvolve nele "um processo de pensamento que o torna capaz de, frente a novos objetos de conhecimento, buscar uma nova síntese." (8)

A interdisciplinaridade deve ter em vista a síntese a ser realizada pelo comunicador social no momento concreto da ação ou diante de um projeto específico. "A interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um projeto específico da pesquisa." (9) Ela faz com que as disciplinas se relacionem em vista de situações concretas e de problemas vividos. Permite o posicionamento de uma disciplina frente às outras, sem artificialismo. Possibilita a justificativa de uma em relação à outra levando o especialista a, pelo menos, interpretar o conhecimento e a atividade desenvolvida em outras áreas. (10)

Desta forma, a interdisciplinaridade leva a uma síntese, não abstratamente, mas de maneira concreta e ativa. Trata-se de uma síntese transformadora. (11) Só assim o comunicador pode ter seu conhecimento e sua ação afinados com os reais problemas da sociedade, e ter neles, uma participação efetiva com os instrumentos técnicos e científicos de que dispõe.

O que é o comunicador social ?

O comunicador social é, assim, um agente transformador da realidade social em que se insere, cuja ação se inspira numa síntese adequada a ela e que é elaborada com as contribuições das áreas significativas do saber em vista de reais problemas e de verdadeiras aspirações humanas, aplicando, nesta mesma ação, os meios técnicos especializados para sua plena eficácia.

Fica descartada, assim, a função simplesmente reprodutora da comunicação, aquela que apenas veicula o modelo vigente. O comunicador deve ser criativo para poder interferir na sociedade, com seus meios, procurando superar as contradições em vez de perpetuá-las.

Também o comunicador não deve ser simplesmente um equilibrador de forças antagonicas na sociedade. Ele não é um pacificador, mas um inovador. Cumpre-lhe assumir um papel de liderança. Não deve ser arrastado, mas ele é quem deve arrastar e comandar o processo social. Cabe-lhe criar sínteses que transformem, que realizem uma verdadeira interação social, que suscitem uma linguagem significativamente humana, que promovam ideais verdadeiros. Seu papel, então, vai muito além de mero transmissor ou manipulador de informações, de simples codificador de linguagem.

Trata-se de um trabalho social motivado por uma visão crítica. Deve fazer de sua comunicação um veículo de idéias que tenham um significado transformador, não instrumento de acomodação.

Desde o início, no processo mesmo de sua formação, na Universidade, o comunicador deve ingressar na dialética da transformação social, instrumentalizando-se com os elementos de ordem humanística e técnica para poder, com visão crítica, aplicar significativamente os meios específicos de que dispõe.

BIBLIOGRAFIA

- LOPES, Gilberto Pereira, *Carta Pastoral*, Cúria Metropolitana de Campinas.
- JAPIASSU, Hílton, *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*, RJ, Imago Editora, 1976.
- MELO, José Marques de, FADUL, Anamaria e LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (coordenadores), *Ideologia e poder no ensino de Comunicação*, SP, Cortez ? Moraes, 1979. Traz os ensaios de J. Teixeira COELHO NETO (Da Cultura Esquecida à Prática Política — A Formação Humanística em comunicação); Ana Mae BARBOSA (A Questão da Interdisciplinaridade na Escola de Comunicação); Jaci MARASCHIN (Questionamento teórico: O provisório e a utopia); Gaudêncio TORQUATO (Formação do Jornalista), e outros,

NOTAS

- (1) Há uma extrema complexidade dos aspectos da comunicação que impossibilita fornecer uma definição cabal. "A Comunicação, como área de estudos, com suas fronteiras pouco delimitadas, suscita uma verdadeira claustrofobia disciplinar. Os problemas da Comunicação requerem em geral a participação de várias áreas de conhecimento para seu estudo e solução. Alguns chegam a afirmar ter a Comunicação um contexto mas não um instrumental específico de análise, utilizando-se potanto do instrumental tomado de empréstimo à lingüística, sociologia (ex.: teorias de **mass media**), psicologia (ex.: estudos sobre símbolos), antropologia (ex.: estudos sobre cultura e linguagem) etc." Ana Mae BARBOSA, A Questão da Interdisciplinaridade na Escola de Comunicação, in *Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação*, p. 59.
- (2) Jaci C. MARASCHIN, Questionamento Teórico: O Provisório e a Utopia, in *Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação*, pp. 141-142.
- (3) Id., *ibid.*, p. 142.
- (4) Gaudêncio TORQUATO, Formação do Jornalista, in *Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação*, p. 165.
- (5) Dom Gilberto Pereira LOPES, *Carta Pastoral*, p. 5.
- (6) J. Teixeira COELHO NETO, Da Cultura Esquecida à Prática Política (A Formação Humanística em comunicação), in *Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação*, p. 43.
- (7) Id., *ibid.*, p. 46.
- (8) Ana Mae BARBOSA, *op. cit.*, p. 61.
- (9) Hílton JAPIASSU, *Interdisciplinaridade e Patologia do saber*, p. 74.
- (10) "(. . .) cada participante da aventura interdisciplinar deverá ter o conhecimento tácito de todas as áreas de estudos envolvidos no projeto, além do conhecimento focal da disciplina de sua específica competência". Ana Mae BARBOSA, *op. cit.*, p. 66.
- (11) Id., *ibid.*, p. 62.

CENTRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO

O Instituto de Filosofia e Teologia da PUCC tem desenvolvido nos últimos anos um crescimento qualitativo de suas atividades, bem como da consolidação de seu trabalho pedagógico e científico. Neste sentido se insere a constante preocupação do Departamento de Filosofia em chegar a um novo modelo de currículo para o curso de graduação que venha a atender, não só as exigências intrínsecas do estudo filosófico, mas também os reclamos da juventude atual que procura na filosofia horizontes novos para sua própria formação de homens livres e responsáveis, mais radicalmente conscientes de suas tarefas futuras na sociedade contemporânea. Igualmente, significativa marca deste esforço, foi a criação do Programa de Pós-Graduação pelo mesmo Departamento. Iniciando seu quarto ano de existência, o Programa de Mestrado começa a dar os primeiros frutos, sendo previstas para este semestre as primeiras dissertações.

O crescimento quantitativo do Instituto não deixa de revelar a imagem positiva que seu trabalho tem projetado fora da Universidade. Conscientes das responsabilidades que esta expansão acarreta, diretores e professores do Instituto buscando dar cuidadoso encaminhamento a sua tarefa educacional, ao mesmo tempo em que procuraram manter seu ritmo de crescimento apoiado em efetivo aperfeiçoamento qualitativo, implantaram, neste ano, o **Centro de Informação e Documentação do Pensamento Brasileiro**, de acordo com o Projeto elaborado pelo Prof. Dr. Geraldo Pinheiro Machado. Trata-se de relevante iniciativa, pioneira e promissora, que visa fundamentalmente a instaurar uma tradição de pesquisa, de documentação e de informação, referente ao pensamento filosófico brasileiro e será de inestimável valor enquanto instrumento de trabalho para estudiosos e pesquisadores, bem como fonte de informação relativa à produção filosófico-científica nacional.

1. **Objetivo geral:**

— estabelecer a documentação do pensamento brasileiro, elaborando informações efetivamente aptas a serem operadas no universo acadêmico.

2. **Objetivos especiais:**

- elaborar publicações originais e reedições parciais ou totais de textos;
- subsidiar programas de pós-graduação ou cursos de graduação, ou outros, provendo-os de informações e de textos dos autores brasileiros, abrangendo progressivamente cinco áreas, a saber: filosofia, educação, direito, ciências, religião, bem como outras áreas afins;
- projetar, eventualmente, em colaboração com os Centros, Faculdades, Departamentos, Instituto ou Setores interessados programas de especialização, mestrado, doutorado, ou áreas de concentração em segmentos específicos do pensamento brasileiro.

3. Produtos finais:

1. Listagens bibliográficas especializadas e, eventualmente, resumos, publicados em papel convencional ou microfichas;

2. Edições críticas integrais de textos originais relevantes;

3. Trechos escolhidos em edições críticas;

4. Antologias;

5. Outras publicações;

6. Cursos ou complementação de cursos;

7. Obtenção do concurso de especialistas em grupos interdisciplinares, polarizados pelo desempenho brasileiro nas respectivas áreas;

8. Congregação de pessoas e programas de Universidades, editoras e outras entidades do país ou do exterior, interessadas na informação e documentação sobre o pensamento brasileiro.

4. Pauta de trabalho na etapa inicial (fev. 1979 a fev. 1980).

1. Obtenção de informações bibliográficas e localização de documentos do pensamento brasileiro, coletando os de caráter raro que ainda se encontrem viáveis para aquisição ou reprodução em microformas, referindo o conjunto a um sistema de recuperação e uso acadêmico.

2. Revisão e incorporação ao sistema de informações referido nas fichas e documentos existentes na PUCC, em outras entidades, ou pertencentes a pesquisadores particulares (nestes últimos casos mediante convênios);

3. Contatos com especialistas interessados em coordenar e orientar as atividades nas respectivas áreas;

4. Contatos com outras universidades ou entidades potencialmente interessadas em convênios e trabalho conjunto;

5. Elaboração do projeto de pesquisa dentro do modelo convencional da técnica de planejamento, a fim de coordenar os trabalhos a curto e médio prazo, bem como servir de subsídio aos órgãos financiadores a serem abordados. (*)

* Nota da Redação: Convidamos os nossos leitores e estudiosos do pensamento brasileiro a colaborarem com o espaço realizado pelo Dr. Geraldo Pinheiro Machado, enviando informações bibliográficas, notadamente de caráter raro.